

Henri Ellenberger e a descoberta do inconsciente*

Élisabeth Roudinesco

Gostaria inicialmente de agradecer ao meu amigo Manoel Tosta Berlinck que teve a gentileza de me convidar para abrir este Congresso de Psicopatologia Fundamental e, sobretudo, por ter me proposto falar sobre Henri Ellenberger cuja obra, conhecida no mundo inteiro mas totalmente ignorada pela grande maioria dos psicanalistas – justamente porque não pertencia a nenhum grupo –, marcou-me profundamente quando a descobri, por volta de 1979. Não conheci Ellenberger pessoalmente, mas mantive correspondência com ele e sinto-me honrada dele ter legado seus arquivos à *Société Internationale d'Histoire de la Psychiatrie et de la Psychoanalyse* (SIHPP). Ele também me permitiu editar em francês sua obra mais importante, *Histoire de la découverte de l'inconscient*, que na ocasião da sua primeira publicação francesa, em 1974, obteve uma recepção discreta, tendo sido acolhida principalmente pelos psiquiatras, que são eruditos em história, e infelizmente pelos antifreudianos que, como os países anglofônicos, fizeram dela o estandarte de uma grande campanha contra a psicanálise, ao mesmo tempo que os psicanalistas – de

* Conferência de abertura do I Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e VII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, de 4 a 7 de setembro de 2004. Tradução de Carmen Lucia M. Valladares de Oliveira.

todas as tendências – eram incapazes, nessa época, de pensar sua história de outra forma que sob os traços de uma historiografia devotada ou oficial.

No início dos anos 1970, a França freudiana não estava preparada para aceitar a pesquisa de Ellenberger. Em matéria de historiografia, os freudianos legitimistas pertencentes à IPA se interessavam acima de tudo pelo modelo biográfico e seus derivados. Em primeiro lugar, pelo magnífico monumento construído por Ernest Jones entre 1953 e 1957 e cuja tradução francesa acabara de ser concluída. Em seguida, vinham os diversos relatos, crônicas, correspondências e estudos centrados na *entourage* de Freud, família, genealogia, discípulos fiéis ou infiéis. Em resumo, os herdeiros legítimos do pai fundador representavam a história de sua origem ou de seu movimento sob a forma não de uma lenda dourada, mas de uma história oficial sustentada em arquivos. Isto porque Jones havia realmente concebido uma obra biográfica indiscutível. Porém sua história privilegiava a idéia de que Freud havia vencido, pelo vigor de sua genialidade solitária e ao preço de um heroísmo intransigente, tendo se separado de todas as falsas ciências de sua época para revelar ao mundo a existência do inconsciente.

Entre os lacanianos, a atitude face à historiografia era diferente. Enquanto os freudianos legitimistas veneravam a imagem de um pai original cuja história já estava escrita – quer dizer a de um pai morto cujo traço era localizável nos arquivos oficialmente constituídos –, os lacanianos se identificavam com o ensinamento de um mestre ainda vivo cuja doutrina se encontrava sob o signo de um anti-historicismo. Lacan se via como o artesão de um retorno a Freud. Igualmente, condenava toda idéia de um neofreudismo ou de uma “revisão” da obra freudiana. À noção de ultrapassar, ele opunha a de estrutura, preconizando o que eu chamei de “uma substituição ortodoxa” do texto freudiano. Por consequência, seus discípulos se pensavam freudianos porque eram lacanianos. Para eles, o ensino do mestre morto se reencarnava na palavra do mestre vivo. E a presença deste interditava o acesso a uma consciência histórica.

Os freudianos legitimistas (ou ipeistas) viviam, portanto, sob o domínio de uma história oficial dominada pelo modelo biográfico, enquanto seus homólogos lacanianos não possuíam história constituída; eles cultivavam o rumor, o comentário e a transmissão oral. Em tais condições nenhum dos dois lados do freudismo francês dos anos 1970 poderia ascender à história erudita. Ora, o ensinamento de Ellenberger não era nem freudiano, nem junguiano, nem adleriano, nem janetiano. Ele escapava a todas essas categorias na medida em que era constitutivo do advento de uma historiografia erudita no campo da história da descoberta do inconsciente: aliava o tom narrativo de Michelet ao método positivista de Alphonse Aulard, e às duas noções de mentalidade e de longa duração da Escola dos Annales. Por outro lado, não existia na França um espaço no meio universitário para o ensino da história desse campo – a dos médicos da alma –,

e tampouco a obra de Ellenberger era integrada aos Departamentos de Psicologia Clínica porque estes eram amplamente influenciados pelas escolas psicanalíticas.

Psiquiatria, psicanálise, antropologia: Ellenberger pensava a história da descoberta do inconsciente e da invenção das terapias à maneira de um enciclopedista curioso de tudo, por vezes ingênuo e autodidata. Sempre à procura de um antes e de um depois, de um encadeamento de filiações, dinastias, genealogias, conceitos; ele tinha paixão pelos sábios iluminados, hipnotizadores, mulheres enfeitadas por maus-olhados, enfim, por todos os personagens da literatura popular do século XIX. Adorava histórias de vilarejos, narrativas de vizinhança, rumores de bruxos.

Como Jacques Lacan, de quem um dia será necessário mostrar a genialidade em matéria de etologia, ele era verdadeiramente fascinado por história natural. Admirava Buffon e Cuvier, e divertia-se a observar o mundo animal: a nobreza dos grandes felinos ou de pássaros carnívoros, o esplendor inerte dos elefantes, a lenta voracidade dos répteis. Foi igualmente um missionário dos excluídos de todos os tipos, insurgindo-se tanto contra os maus tratamentos infligidos às mulheres (Ellenberger, 1995), anões, loucos, corcundas, quanto os atentados cometidos nos jardins zoológicos por um populacho cruel. De sua infância na África do Sul havia herdado o gosto em contemplar o esplendor selvagem de uma natureza ainda virgem e sonhar com as possíveis virtudes de um colonialismo humano. Havia nesse homem a utopia do Iluminismo que acreditava nos valores universais do progresso e da emancipação.

Sua recusa em aderir completamente à concepção freudiana do inconsciente jamais o conduziu aos caminhos do antifreudismo. Ao contrário, ele foi o primeiro historiador a entender Freud fora da sua lenda, e de lhe atribuir o *status* de sábio moderno, dividido entre o desejo de arrancar o inconsciente do domínio da magia e a fascinação pelas mitologias do pensamento arcaico. Reside aqui o paradoxo: porque não sendo freudiano, Ellenberger soube restituir a Freud o lugar excepcional que lhe cabia na longa história da descoberta do inconsciente.

Ele também foi criminologista e antropólogo. Nascido na Rodésia no começo do século XX e originário de uma família de missionários protestantes de origem suíça, fez seus estudos de psiquiatria em Strasbourg onde frequentou os cursos de alguns dentre aqueles que, cinco anos mais tarde, iriam se encontrar em torno de Lucien Febvre e Marc Bloch no cerne da Escola dos Annales.

Ao concluir seus estudos de medicina, Henri Ellenberger instalou-se em Paris. No começo dos anos 1930, viveu no Hospital Sainte-Anne a história dessa psiquiatria dinâmica da qual, trinta anos mais tarde, redigirá a aventura. Aproximou-se e ficou amigo de Henri Ey antes de instalar-se em Poitiers como psiquiatra, ao mesmo tempo em que aproveitou a oportunidade oferecida por sua situação para estudar os mitos e superstições da floresta.

Nascido de pais franceses em uma colônia inglesa, ele teria direito à nacionalidade francesa. Mas como seu pai se esqueceu de declará-lo no Consulado da França, ele era portador de um passaporte inglês, ainda que tendo adquirido, assim como para sua mulher apátrida, seus filhos a nacionalidade francesa por naturalização. Em 1941, correndo o risco de ter sua naturalidade retirada pelo governo de Vichy, imigrou para a Suíça, onde trabalhou em diversas clínicas ao mesmo tempo que fazia seu aprendizado da língua alemã. Por muito tempo, freqüentou Carl Gustav Jung que lhe transmitiu a memória oral da primeira saga da psicanálise e de sua implantação no meio psiquiátrico de Zurique, principalmente a clínica do Burghölzli. Em 1950, Ellenberger fez sua análise didática com Oskar Pfister, que contava 77 anos. Pensou em tornar-se membro da Sociedade Suíça de Psicanálise (SSP).

Em plena metade do século XX, havia adquirido um grande conhecimento da história da psiquiatria e da psicanálise na Europa. Falava e escrevia muito bem em francês, alemão e inglês, e interessava-se pela evolução de todas as formas de curas psíquicas. Faltava-lhe apenas iniciar-se na história da emigração freudiana de leste para oeste. Uma viagem de estudos aos Estados Unidos, depois o encontro com Karl Menninger e a estadia em sua clínica de Topeka, no Kansas, foram determinantes para a orientação dos trabalhos posteriores.

Em 1953, após ter recebido o título de Professor da Menninger School of Psychiatry, ele deveria instalar-se definitivamente nos Estados Unidos. Mas não foi possível porque, em tempos de guerra fria, sua esposa, originária da Rússia, não pôde obter visto de residência de longa duração. Assim, em 1959, ele decidiu morar em Montreal, onde obteve a cadeira de Criminologia no Allen Memorial Institute da Universidade Mc Gill. O Quebec, francofônico, será a sua última terra de abrigo. Ellenberger morre em 1993, após ter formado, com suas pesquisas, toda uma geração de historiadores do freudismo, dos quais grande parte são americanos.

Após ter trabalhado durante vinte anos em arquivos, ele redigiu em inglês sua obra fundamental *The Discovery of the Unconscious. The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*, publicado nos Estados Unidos em 1970. A obra obteve reconhecimento na maioria dos países do mundo, com exceção da França, onde, como acabo de dizer, passou despercebida na ocasião de sua primeira tradução em 1974.

Para ele, existia uma divergência de fundo entre a história da teorização da noção de inconsciente e a da sua utilização terapêutica. A primeira teria começado com as instituições de filósofos da Antiguidade e continuado com as dos grandes místicos. No século XIX, a noção de inconsciente foi precisada por Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche e pelos trabalhos da psicologia experimental: Johan Friedrich Herbart, Hermann Helmholtz, Gustav Fechner.

Quanto à segunda história, seria a do tempo da arte dos bruxos e dos xamãs, passando em seguida pela da confissão cristã. Dois métodos eram justapostos; um consistia em provocar no doente a emergência de forças inconscientes, sob forma de “crises”: possessões ou sonhos. Já o segundo, dava origem ao mesmo processo, mas na figura do médico. Do tratamento centrado na doença derivava a neurose de transferência no sentido freudiano, do centrado no médico derivava a análise didática. Com efeito, esta última herdada da “doença iniciática” que conferia ao xamã seu poder de cura seguida da “neurose criativa” tal qual a que os pioneiros da descoberta do inconsciente tinham vivido no final do século XIX: Pierre Janet, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Alfred Adler.

Nessa perspectiva, a primeira grande tentativa de integrar a pesquisa do inconsciente à sua utilização terapêutica começava com as experiências de Franz Anton Mesmer, iniciador da primeira psiquiatria dinâmica, terminava com Jean Martin Charcot, e dessa maneira nascia, sob as ruínas de um magnetismo tornado hipnotismo, a segunda psiquiatria dinâmica dividida em quatro grandes correntes: a análise psicológica de Pierre Janet, centrada na exploração do subconsciente; a psicanálise de Freud fundada na teoria do inconsciente; a psicologia individual de Adler; a psicologia analítica de Jung. Ellenberger assinalava que o paradoxo dessa segunda psiquiatria dinâmica, da qual ele encerrava a história em 1940, era que ela, ao se cindir em escolas opostas, rompia o pacto fundador que a ligava ao ideal de uma ciência universal nascida do Iluminismo para retornar ao antigo modelo de seitas greco-romanas.

É difícil evocar o trabalho de Ellenberger sem falar no de Ola Andersson que teve um destino curioso.

Igualmente pioneiro da historiografia erudita, ele escreveu uma única obra, em inglês, (que editei pela primeira vez em francês em 1997 com um prefácio em co-autoria com Magnus Johansson [Andersson, 1997]), consagrada às origens do pensamento freudiano e que é citada e lida no mundo inteiro. No entanto, esse livro, publicado em 1962 e intitulado *Studies in the Prehistory of Psychoanalysis. The Etiology of Psychoneuroses* (1886-1896), foi tão ignorado no meio psicanalítico na Suécia quanto o de Ellenberger, apesar do autor ocupar postos acadêmicos importantes e ser o responsável pela tradução sueca das obras de Freud.

Nascido no Norte do país, em Lulea, Ola Andersson era de uma família de fazendeiros protestantes e puritanos. Ele fez seus estudos de Letras em Lund, iniciando em seguida sua carreira profissional como professor, em 1947, para exercê-la em diferentes instituições. Inicialmente, trabalhou em um centro de formação para trabalhadores sociais, afiliado à Igreja sueca, depois em uma escola de psicoterapia de inspiração religiosa, e finalmente no Departamento de Pedagogia da Universidade de Estocolmo.

Ele defendeu sua tese sobre as origens do freudismo, recebendo o prestigioso título de Dozent, em 1962. Rapidamente o trabalho foi publicado, o que lhe permitiu estabelecer uma relação com Henri Ellenberger que, por seu lado, acabara de iniciar suas próprias pesquisas. Em seguida, Andersson realizou sua primeira grande revisão de um caso-princeps dos *Estudos sobre a histeria: o caso Emmy v. N.*

Andersson foi o primeiro historiador do freudismo a efetuar uma fratura na historiografia oficial ao estudar de uma maneira inédita as relações de Freud com Charcot, Hippolyte, Bernheim, Josef Breuer. Ele evidenciou as fontes do pensamento freudiano e, principalmente, os empréstimos deste aos trabalhos de Johann Friedrich Herbart. Portanto, contrariamente a Ellenberger, ele permaneceu vinculado, como membro da IPA, à ortodoxia de Ernest Jones de quem ele admirava sem reservas o trabalho biográfico, o que o impediu de ir mais fundo em suas pesquisas de história erudita. Ele sofria muito desse isolamento no seio da Sociedade psicanalítica sueca.

Na história oficial e mítica das origens da psicanálise, atribuíam-se a Emmy v. N. a invenção da cena psicanalítica, como se atribuíam a Anna O. a invenção do tratamento psicanalítico (por “limpeza de chaminé”). Emmy havia fabricado, dizia-se, as interdições necessárias a uma nova técnica de tratamento fundada no recuo do olhar. Por meio dela, o médico se tornava psicanalista e se instalava fora do campo de visão do doente, renunciando a tocá-lo e se obrigando a escutá-lo.

Foi em Amsterdã, em 1965, no Congresso da IPA, que Andersson expôs o verdadeiro destino de Fanny Moser, sem revelar o nome, exceto a Ellenberger, que publica em 1977, na *L'Evolution psychiatrique* (numa época em que essa revista era prestigiosa e se interessava pela história), sua própria revisão do caso, comentando longamente o artigo de Andersson (até então não publicado – o que só vai ocorrer em 1979), e fornecendo a identidade da jovem mulher. Ele acrescentou ainda um estudo sobre o destino das duas filhas dela: Fanny (filha) e Mentona.

Graças a esses dois historiadores, sabemos hoje que Fanny Moser não inventou a famosa cena da psicanálise moderna – ainda que a frase seja autêntica – e que ela nunca foi curada de sua neurose, nem por Freud, nem pelos seus sucessivos médicos. Aliás, Fanny Moser era mais melancólica do que histerica e sua vida foi uma mistura de romance familiar e narrativa balzaquiana.

Aos 23 anos, casou-se com um riquíssimo homem de negócios, quarenta anos mais velho, e já pai de dois filhos. Ao morrer, legou-lhe toda a sua fortuna. E ela foi acusada de tê-lo envenenado. A desconfiança do assassinato pesou tão fortemente em seu destino, que ela nunca conseguiu realizar seu desejo mais caro: ser recebida nos salões da aristocracia européia. Acabou levando uma vida errante, tendo alguns de seus médicos entre os seus muitos amantes, e acabou unindo-se a um jovem rapaz que se apropriou de uma parte da sua fortuna.

Suas duas filhas foram marcadas, cada uma a sua maneira, pelos significantes da neurose materna; uma especializou-se em zoologia, enquanto a outra revoltou-se contra os valores dessa classe dominante da qual era um puro produto. Tornou-se uma militante comunista e, mais tarde, também interessou-se pelos animais, publicando, em 1941, uma coletânea de histórias destinada às crianças.

Homem de dúvida, incerteza e escrúpulos, como vemos em suas hesitações diante de Ellenberger ou a propósito da preservação do anonimato de Fanny Moser, Andersson sempre se engajou pela via da servidão voluntária. Sua correspondência é apaixonante. Ellenberger introduziu a desordem na frágil organização de Andersson. Foi o primeiro pensador a atribuir importância fundamental ao trabalho desse autor, estabelecendo desde o início uma relação afetuosa, feita de confidências intelectuais e desencontros. Para marcar seu entusiasmo, redigiu espontaneamente um artigo elogioso sobre o livro que Andersson acabara de publicar.

Ao longo dessas trocas, Andersson tomou consciência da potência criadora de Ellenberger, de sua capacidade de emergir o freudismo na história da longa duração. Resumindo, ele foi o espectador privilegiado de uma aventura que fazia explodir o enquadramento rígido do estudo interno dos textos, ou seja, o próprio enquadramento do trabalho. Admirativo, acompanhou de perto a elaboração da obra magistral de um “outro”, ao mesmo tempo que não conseguia dar continuidade à sua e que se queixava de sua saúde e das tarefas desagradáveis da universidade. E quando Ellenberger pediu-lhe que lesse seu manuscrito, criticasse e redigisse um comentário, esquivou-se, ficou doente. Sentiu-se esmagado por esse texto tão volumoso e foi incapaz de estabelecer o menor julgamento.

As relações ficaram interrompidas até a carta patética de 1976, onde Andersson pedia ao seu antigo cúmplice para ajudá-lo a sair dessa servidão voluntária e emigrar para os Estados Unidos.

Histoire de la découverte de l'inconscient deve ser ainda comparado a um outro livro fundador, publicado nove anos antes, ainda que concluído em 1958: *História da loucura na Idade Clássica* de Michel Foucault. Filósofo de formação, lançou-se antes em um trabalho de historiador da longa duração. Em 1954, em uma obra intitulada *Maladie mentale et personnalité*, Foucault colocava a questão da constituição da noção de doença mental. Para ele, as diversas abordagens do fenômeno da loucura haviam evoluído, desde a Antiguidade, de uma representação naturalista a uma explicação existencial. Foucault propunha então um modelo evolutivo muito próximo do de Ellenberger. Para ele, a história da loucura se confundia com a história do olhar sobre a loucura. Para os gregos, o louco era o Energúmeno; para os latinos, o Cativo; para os cristãos o demoníaco. Com o Renascimento, essa história se tornava a do arrancar progressivo da loucura e de sua clínica do universo da religião. Ela conduziu ao alienismo do final do século

XVIII. Nascido com Pinel, a nosografia psiquiátrica concebia o homem alienado ao privá-lo de sua humanidade e de sua personalidade. Como Ellenberger, Foucault se interessava por Hermann Rorschach e visitou Ludwig Binsvanger na clínica Bellevue. Aliás, ele redigiu uma introdução para *Rêve et existence*.

No entanto, entre 1955 e 1958, renunciou a tornar-se historiador da psiquiatria no sentido clássico. Mas a leitura que fez da obra de Freud teve um papel essencial na guinada que o levou à redação da *História da loucura*. Encontramos traços dessa guinada no artigo de 1957 em que Foucault assinala que a descoberta freudiana do inconsciente havia transformado totalmente o horizonte da psicologia e da filosofia da consciência a ponto de fazer com que se assemelhem a um sistema de defesa. Conhecemos o seu desdobramento: em vez de escrever uma história das formas de doença mental em termos continuistas, ele redigiu em sueco, sem nunca ter encontrado Andersson, um livro nietzschiano, inspirado na noção de parte maldita emprestada a Georges Bataille. Foucault formulava a hipótese de um sistema de separação. Essencialmente, ele dizia que a loucura não é natural ao homem, ela não existe desde sempre, é apenas a história cultural de uma separação incessante entre uma loucura em estado bruto e uma loucura de razão: separação entre a desrazão e a loucura, separação entre a loucura ameaçadora dos quadros de Bosch e a loucura aprisionada do discurso de Erasmo, separação em seguida entre a consciência crítica, encarnada na criatividade, como em Goya, Van Gogh e Artaud, e, para concluir, separação interna ao cogito cartesiano: a loucura é então excluída do pensamento no momento em que cessa de colocar em perigo os direitos do pensamento. Foucault situava a posição freudiana de maneira paradoxal: entre uma consciência crítica e uma consciência trágica, entre o discurso da loucura de razão e o enunciado da loucura selvagem.

Nada mais distanciado da investigação de Ellenberger do que a guinada foucaultiana. E, no entanto, esses dois livros tinham em comum o fato de terem fundado, com dez anos de intervalo, uma historiografia erudita da psiquiatria, da psicologia e da descoberta do inconsciente. Um era como o negativo do outro, e os dois retraçavam, em simetria inversa, a história da relação entre o discurso da loucura e a apropriação desse discurso pela razão.

Outro ponto contraditório entre Ellenberger e Foucault: a noção de sistema de pensamento que eu mesma retomei em meu trabalho sobre Lacan. Para ele, tratava-se de demonstrar que as doutrinas são constituídas como sistemas dos quais a história deve ser apresentada na ordem cronológica, e seus elementos explorados em seus próprios termos e não nos das outras doutrinas. A única maneira de elucidar as fontes e explicar o labirinto das interações entre os fatos, os sistemas, os homens, as instituições. Em suma, Ellenberger colocava as bases para uma história total na qual a subjetividade dos pensadores deveria conduzir

à elaboração do próprio sistema, quite a mostrar que esse sistema também era o resultado de uma interação com outros sistemas, segundo um processo autônomo escapando à subjetividade dos pensadores. De onde a vinculação à tese da história das mentalidades própria à Escola dos Annales.

Nessa mesma época, Michel Foucault recorria à mesma noção ao propor a criação, no Collège de France, de uma cadeira de História dos sistemas de pensamento. Mas sua perspectiva era muito diferente. De fato, para Foucault, os sistemas de pensamento são formas nas quais, em uma época dada, os saberes se singularizam, adquirem equilíbrio e entram em comunicação. Em outras palavras, na ótica foucaultiana, fazer a história dos sistemas de pensamento implica em interrogar as condições do conhecimento e o estatuto do sujeito, separado de toda e qualquer referência à famosa noção de aparato mental que, deve-se dizer, não permite compreender como se efetua uma modificação na história dos homens e dos conceitos. Para resumir, Foucault se recusava a fazer a história dos homens que pensam e dos sistemas que se entrecruzam, procurava sim construir uma história na qual o fundamento escaparia tanto à idéia da natureza humana quanto ao cogito cartesiano.

Como se vê, Ellenberger não podia pensar a história das medicinas da alma e da loucura em termos de rupturas sucessivas. Igualmente, tratando-se de Freud, só poderia compreender a ruptura que inauguraria esse sistema de pensamento ao imergi-lo na longa duração da história e das mentalidades. Assim, ele fazia da obra freudiana um novo sistema desconsiderando a noção de ruptura epistemológica tal qual é empregada pela tradição francesa da história das ciências: de Gaston Bachelard a Michel Foucault passando por Georges Canguilhem.

Que Ellenberger não tenha sentido necessidade do conceito de ruptura para integrar a obra freudiana na longa duração da história da descoberta do inconsciente e que tenha sentido necessidade da noção de aparato mental para descrever suas particularidades não impede hoje em dia, a essa investigação, uma certa elucidação foucaultiana.

Referências

ANDERSSON, Ola. *Freud avant Freud. La préhistoire de la psychanalyse*. Paris: Synthelabo, col. Les empêcheurs de penser en rond, 1997.

ELLENBERGER, Henri. *Les Maladies de l'âme. Essais d'histoire de la folie e des guérisons psychiques*. Paris: Fayard, 1995.

Rio de Janeiro, 4 de setembro de 2004